

TEMPO DE REVOLUÇÃO

21 DE OUTUBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI)

EDIÇÃO 11



Inflação, crise, perspectivas
e tarefas para nossa luta

Pg 02 e 03

Conferência Nacional da Liberdade e Luta:
preparar a juventude para tempos revolucionários

Pg 06

Inflação, crise, perspectivas e tarefas para nossa luta

A inflação no Brasil bate os 10,25% no acumulado dos últimos 12 meses. Só em setembro, o índice inflacionário alcançou a marca de 1,16%, é o maior dado para esse mês do ano desde o início do Plano Real (1994). A alta da inflação não é uma exclusividade do Brasil, é um fenômeno global que evidencia os limites do capitalismo e como as crises deste sistema sempre recaem sobre os ombros da classe trabalhadora.

Além do aumento do desemprego e da informalidade no país, os reajustes salariais não acompanham a alta dos preços. A fome cresce. Sem poder comprar carne, aumentam as filas para conseguir ossos nos açougues. Vale evidenciar o emblemático caso da mãe de cinco filhos presa por roubar menos de R\$ 22,00 em comida por estar com fome, enquanto os ricos nada sofrem por esconder milhões em paraísos fiscais. Sem poder comprar gás, as pessoas cozinham com lenha ou álcool, multiplicando-se os acidentes domésticos. Os aluguéis sobem, o IGP-M, utilizado como base para calcular o reajuste do aluguel, chegou a 37,04% no acumulado de 12 meses em maio deste ano, o que obviamente eleva o número de famílias sem um teto para morar.

Existem elementos particulares para a alta da inflação no Brasil, mas também importantes fatores internacionais. É o caso da crise de semicondutores (chips), com forte impacto na indústria automobilística e na produção de produtos



Desemprego e maior inflação desde 1994 levam ao avanço da fome no país

eletrônicos. A escassez desse produto levou diferentes montadoras no Brasil a suspender a produção nos últimos meses. Há também uma falta de contêineres e o congestionamento de navios nos portos, afetando todo o comércio mundial e elevando o preço do frete. Está em curso ainda uma crise energética, com a falta de gás natural bastante utilizado para produção de energia na Europa e falta de carvão, largamente utilizado na China, além da crise hídrica no caso do Brasil, que encarece a energia proveniente das hidrelétricas.

Já o aumento constante do preço dos combustíveis no Brasil tem relação direta com o processo de privatização da Petrobras. A alta do dólar e do valor internacional do barril de petróleo definido pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) impacta no valor vendido pela Petrobras no Brasil porque ela adota, desde 2016, a política de paridade com o valor internacional do barril de petróleo, em dólar, elevan-

do assim o ganho dos acionistas da empresa, mas penalizando os consumidores com o aumento da gasolina e do gás de cozinha.

A política geral de desvalorização do Real favorece o ganho dos exportadores, mas encarece as importações e provoca a diminuição da oferta de determinados produtos no país, dois fatores que alimentam a inflação.

Para além de uma série de eventos isolados ou mesmo a pandemia e seus impactos na produção e na demanda, a razão central para essas crises e esse fenômeno internacional de



Inflação é um fenômeno global

alta da inflação, são os limites do capitalismo e a anarquia desse sistema. Enquanto há um aumento de trabalhadores desempregados em determinados setores, faltam trabalhadores em outros. Ao passo que sobram determinados produtos, outros faltam. Cada capitalista busca seus lucros, não há um planejamento geral da produção e distribuição para satisfazer as necessidades da população, o atraso na vacinação e tantas mortes que poderiam ter sido evitadas nessa pandemia evidenciam isso.

Buscando driblar a crise, diferentes governos injetaram dinheiro na economia. Só no caso dos EUA, 9,5 trilhões de dólares foram injetados em pacotes econômicos. É parte disso a chamada Flexibilização Quantitativa, um bonito nome para a prática irracional de imprimir dinheiro e colocá-lo em circulação para elevar a demanda. No entanto, essa prática tem como consequência o aumento das dívidas públicas e a inflação. Os EUA, no fim

de 2020, tinham uma dívida pública correspondente a 129% de seu PIB e no mês passado o governo Biden fez o Congresso aprovar um aumento do teto da dívida para 28,9 trilhões de dólares para evitar um calote. No Brasil, país dominado e com menos margem de manobra, a dívida pública bruta atingiu em julho 6,79 trilhões de reais, correspondendo a 83,8% do PIB.

Apesar do caos, os economistas burgueses tentam ressaltar o aspecto positivo da elevação da demanda e a possibilidade de um longo período de recuperação econômica pós-pandemia. Mas isso é pouco provável. Mesmo que o progressivo fim das medidas de restrição signifique um aumento momentâneo do consumo, há uma série de elementos de instabilidade. Uma demanda em parte aquecida "artificialmente" com injeção de dinheiro público, gargalos na produção, aumento das dívidas públicas e das famílias e, também, as bolhas especulativas. A ameaça de calote da incorporadora Evergrande abalou as bolsas ao redor do mundo, revelando a bolha do mercado imobiliário chinês e o risco disso para a economia mundial.

A crise econômica, raiz da instabilidade política internacional, tem cobrado um duro preço da classe trabalhadora no Brasil e no mundo, com desemprego, arrocho salarial, retirada de direitos, enquanto os bilionários ficam mais bilionários e fazem turismo no espaço. A pandemia tem entre suas vítimas principais os mais

EXPEDIENTE

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

Diretor de Publicação: Serge Goulart
Editor: Evandro Colzani
Conselho Editorial: Alex Minoru, Bruna dos Reis, Caio Dezorzi,

Flávio Reis, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho, Maritania Camargo e Serge Goulart
Comitê de Redação: André Mainardi,

Flávia Antunes, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

Diagramação e capa: Evandro Colzani
Jornalista Responsável: Rafael Prata MTB nº 40040/SP

SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA EM

pobres. No Brasil, os mais de 600 mil mortos oficiais têm a responsabilidade direta do governo Bolsonaro, a CPI só evidencia o que todos já sabiam e não é possível confiar que estes parlamentares burgueses vinguem os mortos de nossa classe. Mas toda a tragédia que a classe trabalhadora tem atravessado também tem impactos na consciência de classe. Nos EUA, o interesse pelo marxismo cresce, em particular entre a juventude, e isso se reflete no significativo crescimento da seção americana da CMI que acaba de realizar um vitorioso Congresso (pág. 7 e 8).

No Brasil, se não há grandes greves, uma greve geral e manifestações mais numerosas para pôr abaixo o cada vez mais odiado governo Bolsonaro, a responsabilidade toda é das direções dos aparatos (PT, CUT, MST, UNE, PCdoB e a própria direção do PSOL) e sua política de mirar na eleição de Lula em 2022, conservando Bolsonaro no poder até lá. Não mobilizam para os atos que eles mesmos convocam, mas buscam uma frente ampla com nossos inimigos de classe, convidando para convocar os atos partidos políticos da burguesia (PDT, PSB, REDE, PV, Solidariedade e Cidadania). Nós combatemos essa frente ampla, preparação para a frente eleitoral em 2022, defendendo a independência de classe. Não é possível confiar naqueles que se dizem opositores de Bolsonaro, mas estão de acordo com as privatizações e retirada de direitos dos trabalhadores.

O fato é que manifestações seguidas, sem um avanço do combate, gera cansaço entre as massas. Ainda mais quando nos caminhos de som se vê os representantes políticos da burguesia. O bloqueio das direções faz com que a via eleitoral passe a ser vista como a opção viável e mais econômica para se livrar de Bolsonaro. O mais provável é que esse governo sobreviva até as próximas eleições, o que não descarta a possibilidade de novas explosões de luta contra ele diante da profunda instabilidade política e econômica.

Compreendendo este terreno, os revolucionários combatem e seguem fortalecendo a organização revolucionária

A crise econômica, raiz da instabilidade política internacional, tem cobrado um duro preço da classe trabalhadora no Brasil e no mundo, com desemprego, arrocho salarial, retirada de direitos, enquanto os bilionários ficam mais bilionários e fazem turismo no espaço.

no Brasil e no mundo, a Corrente Marxista Internacional e sua seção brasileira, a Esquerda Marxista, que se organiza e age com confiança na classe trabalhadora e em sua capacidade de derrotar a burguesia para pôr fim a este regime de sofrimento, opressão e exploração.

Com o ânimo dos que lutam pelo futuro da humanidade, os jovens da Liberdade e Luta constroem sua Conferência Nacional para o próximo sábado, 23/10 (pág. 6), o Movimento Mulheres Pelo Socialismo leva a [campanha em defesa do aborto legal, público e gratuito e pelo fim da violência contra a mulher](#), assim como o Movimento Negro Socialista impulsiona a campanha “Ser Negro não é Crime!”. Como dizia Lenin, “*sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário*” e por isso organizamos a Universidade Marxista Brasil (pág. 4 e 5) que discutirá em seu próximo módulo (30/10) o que foi a Revolução Russa e suas lições para a atualidade e também lançamos a [nova edição de nossa revista teórica “Em Defesa do Marxismo/América Socialista”](#). Para agrupar todos os que querem combater o governo Bolsonaro sem esperar as eleições de 2022 e sem alianças com a burguesia, estamos juntos nos [“Comitês de Ação Abaixo Bolsonaro Já!”](#). Participe de nossas iniciativas, organize-se para a luta pelo socialismo, junte-se à Esquerda Marxista!

Comitês de Ação Abaixo Bolsonaro agindo com a juventude e trabalhadores

| Michelle Vasconcellos

Desde quando foram constituídos, no “Encontro Nacional de Luta Abaixo o Governo Bolsonaro! Por um Governo dos Trabalhadores sem Patrões nem Generais”, os Comitês Regionais de Ação mantiveram atividades locais com intervenção na base para ampliação das discussões e da organização.

Neste último período, os membros dos comitês presentes em diversos estados do país agitaram blocos nos atos públicos de 2 de outubro e organizaram reuniões, panfletagens e atividades para dialogar diretamente com a juventude e com os trabalhadores a fim de difundir a palavra de ordem “Abaixo o Governo Bolsonaro Já!” diante da situação atual em que as direções atrasam quaisquer mobilizações ao seguirem os jogos institucionais com vistas às eleições de 2022.

O comitê de Minas Gerais realizou reuniões que culminaram na participação do ato de 2 de outubro com intervenção pública. De forma semelhante, no Rio de Janeiro, o comitê difundiu o Jornal Tempo de Revolução, no mesmo ato, produzindo um vídeo a fim de reforçar a importância dos comitês na construção da luta revolucionária.

No Espírito Santo, o comitê regional mobilizou duas reuniões presenciais e as participações no ato público Fora Bolsonaro de outubro com colagem de lambes da Liberdade e Luta; Abaixo Bolsonaro Já; e Universidades Ficam, Bolsonaro Sai. Além da confecção da faixa “Abaixo Bolsonaro” pelos membros do comitê.

O comitê regional da Grande São Paulo, organizado em Brigadas de Difusão do Manifesto junto ao Comitê dos Trabalhadores do Transporte Público, realizou a segunda reunião no último dia 16, discutindo a situação atual da luta pelo Fora Bolsonaro, retardada pelas direções de esquerda, e avaliando



a importância de manter as diversas ações de panfletagem, já realizadas em escolas, estações do metrô e porta de fábrica, abrindo diálogo com as pessoas a partir de suas condições concretas.

No Paraná, o comitê se debruçou na construção do ato de 2 de outubro, realizando panfletagens, em pontos de ônibus da Praça Rui Barbosa, em Curitiba, nos dias anteriores para mobilizar jovens e trabalhadores a participar da ação e aderir aos comitês, por meio do manifesto “Abaixo o Governo Bolsonaro! Por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais”. Os membros do comitê também têm participado da construção da conferência da Liberdade e Luta e da chapa para a eleição da APP-Sindicato (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná).

Em Santa Catarina, o comitê regional de Joinville, após reunião de fundação, em que discutiu a fome no Brasil e contou com membros das regiões norte e centro-oeste, seguiu organizando panfletagens em escolas secundaristas da cidade para construção da Conferência Nacional da Liberdade e Luta, além de promover atividade para discussão da questão sindical e moção em defesa de uma trabalhadora exonerada pelo estado. Em Florianópolis, o comitê regional manteve a capilaridade dos membros em outros núcleos e atividades

como a juventude, no trabalho de formação de grêmio; no Mulheres pelo Socialismo; e as intervenções na Comcap (Empresa de Limpeza Pública).

O comitê regional do Rio Grande do Sul seguiu em discussão com foco na situação dos educadores no estado e ações de panfletagem nos atos de 2 de outubro em Porto Alegre e Uruguaiana.

As diversas ações e conduções de cada comitê apresentam a mesma direção de combate, dialogando com as necessidades concretas da população e difundindo nossa palavra de ordem. Atuação que tem se revertido com a integração de novos membros e camaradas. O recente esvaziamento dos atos Fora Bolsonaro é de total responsabilidade das direções que buscam barrar esse importante movimento e criar falsas esperanças de que a situação se resolverá com as eleições em 2022, mas o que vemos no dia a dia é um ódio crescente ao governo Bolsonaro e à sua política. Aos que compreendem que é necessário agir para derrubar esse governo, explicamos a importância da luta com independência de classe e da ruptura com esse sistema. Devemos manter o diálogo com os jovens e os trabalhadores em sua luta cotidiana para ajudá-los da construção de um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais.

Conheça e participe de um Comitê de Ação!

Por que devemos estudar a Revolução Russa de 1917?

| Michel Goulart da Silva

Em 1924, Leon Trotsky chamava a atenção para a escassez de obras produzidas acerca da Revolução de Outubro: “ainda não dispomos de uma única obra que forneça um quadro geral da Revolução de Outubro, ressaltando os seus principais momentos do ponto de vista político e organizacional”. Trotsky seguia ponderando que, depois da vitória da insurreição do ponto de vista prático, parecia que havia se decidido nunca mais repeti-la, não se esperando nem mesmo “uma utilidade direta do estudo de Outubro e das condições de sua preparação imediata, quanto às tarefas urgentes de organização posterior”¹.

Trotsky entendia que esse era um problema a ser enfrentado. Essa necessidade ficou ainda mais evidente diante das mentiras e deturpações propagadas pelo stalinismo. Em 1924, no contexto em que estava escrevendo, Trotsky entendia ser preciso “pôr na ordem do dia, no Partido e em toda a Internacional, o estudo da revolução de Outubro. É preciso que todo o nosso Partido e particularmente as Juventudes, estudem minuciosamente a experiência de Outubro, que nos forneceu uma verificação incontestável do nosso passado e nos abriu uma ampla porta para o futuro”².

Para Trotsky, além de permitir conhecer o passado e mostrar possíveis perspectivas para o futuro da União Soviética, a difusão dos materiais e o estudo sobre a Revolução de Outubro era necessário, entre outras coisas, porque o proletariado dos demais países teria “que resolver ainda o seu



Czar Nicolau II, 1916

problema de outubro”³. Isso não significava que a experiência russa deveria ser um modelo a ser seguido mecânica e cegamente pelos demais partidos, afinal “cada povo, cada classe e até cada partido se educam principalmente a partir de sua própria experiência”⁴. Para os demais países, como o foi para a Rússia, seria preciso um conhecimento profundo da situação econômica e política concreta, identificando a dinâmica própria da luta de classes e da revolução.

Essas reflexões, presentes no livro *As Lições de Outubro*, estavam principalmente voltadas para os militantes do partido e da Internacional Comunista. O stalinismo ainda não havia assumido o pleno controle do movimento comunista internacional, embora já começasse a se esboçar o processo que levaria à burocratização do poder soviético e às formulações do socialismo em um só país. Portanto, ao apontar para a necessidade de estudar a Revolução de Outu-

bro como parte da luta dos trabalhadores nos demais países, Trotsky chamava a atenção também para a premente necessidade de defesa do internacionalismo.

Os argumentos apontados por Trotsky para destacar a importância de se estudar a Revolução de Outubro estão relacionados às especificidades do próprio período. Mas, ainda que expressem os dilemas e perspectivas de uma época específica, o estudo sobre a experiência da Revolução Russa ainda hoje pode contribuir para as lutas dos trabalhadores. No estudo sobre a Revolução de Outubro e seus desdobramentos, é de fundamental importância levar em conta algumas questões metodológicas:

“Uma história da revolução,

como toda a história, precisa antes de tudo relatar o que aconteceu e como. Isso, contudo, não é suficiente. Da própria narrativa é necessário que se torne claro porque os fatos aconteceram deste e não de outro modo. Os eventos não podem ser considerados uma série de aventuras nem inseridos num fio de moral pré-concebida. Eles precisam obedecer a suas próprias leis. A descoberta destas leis é a tarefa do autor.”⁵

Na busca por essas leis, a importância da experiência soviética para os militantes que se colocam na luta pela revolução pode ser verificada em diferentes sentidos. Um primeiro sentido passa por localizar a Revolução de Outubro

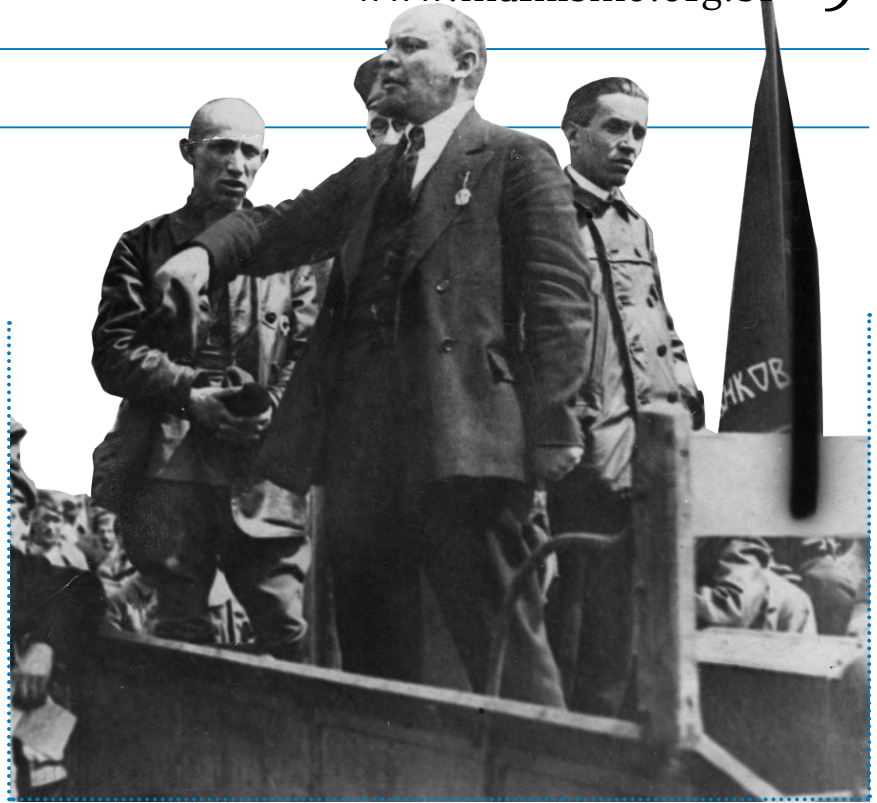
no contexto do século XX, não sendo exagero afirmar que todos os fenômenos políticos posteriores – ascensão do nazismo, Segunda Guerra Mundial, revoltas de libertação nacional, Guerra Fria, entre outros – de alguma forma se conectam direta ou indiretamente com a Revolução Russa ou com seus desdobramentos políticos. No atual contexto, portanto, fazer um balanço da Revolução Russa está ligado diretamente a analisar a própria dinâmica social e política da história do século XX.

Por outro lado, um olhar descuidado sobre a Revolução Russa pode conter alguns riscos. Um





Estudar a Revolução Russa significa analisar a dinâmica do capitalismo e a situação social e política dos trabalhadores nos últimos séculos. Participe da [Universidade Marxista Brasil](#), no dia 30/10, às 15h, e conheça a história da maior revolução proletária da história.



primeiro risco seria o fato de se fazer a comemoração pela comemoração, como se fosse um mero fato heroico e seus personagens fossem algo distante e quase fictício. Mesmo que não seja necessariamente intencional, essa construção narrativa faz com que o processo revolucionário se torne uma mera anedota para os dias de festas, como o fazem os reformistas. Essa forma de olhar para a Revolução Russa, enquanto algo um tanto quanto idílico, tira do processo o seu conteúdo político e, principalmente, faz com que sua relevância para a atual situação social e histórica seja colocada em segundo plano ou mesmo esquecida.

O segundo risco é o de transformar as reflexões acerca da Revolução

Russa em algo excessivamente acadêmico, ou seja, encará-la apenas como um objeto de pesquisa. Com isso, não se realiza uma reflexão que possa ter um impacto político, fazendo com que a Revolução Russa se resume a um conjunto de citações de livros e artigos que pretendem corroborar certa interpretação acadêmica acerca de algum aspecto relacionado àquele processo político e social. O estudioso da revolução não se vê como parte de um processo político ligado à transformação radical da sociedade, mas como um observador externo. Trotsky afirmava, se referindo à suposta imparcialidade na escrita da história da revolução:

“O leitor crítico e sério não irá querer uma imparcialidade desleal, que ofereça a ele a taça da

*conciliação com uma boa dose de ódio reacionário no fundo, mas de uma científica escrupulosidade, que, por suas simpatias e antipatias – abertas e indisfarçadas – procura apoio num estudo honesto dos fatos, na determinação de suas verdadeiras conexões, uma exposição das leis motivadoras e seu momento”*⁶

Por fim, o terceiro risco é aquele de as diferentes facções das esquerdas ficarem nas suas disputas vazias de interpretações. Para tanto, de um lado, elas procuram selecionar arbitrariamente quais os heróis que devem ser seguidos e quais de suas ideias serão efetivamente consideradas mais importantes. Por outro lado, discute-se fatos do passado e balanços históricos com a mesma virulência com que são feitas as disputas atuais. Não se discute as experiências que podem servir

à reflexão, mas os fatos em si, de forma descritiva e mecânica, como se ter uma interpretação pretensamente correta do que ocorreu décadas atrás fosse o mais importante para compreender a luta pela revolução na atualidade. Trotsky dizia que *“as leis da história não têm nada em comum com o esquematismo pedantesco”*⁷.

Portanto, os riscos em grande medida podem ser vistos como a possibilidade de esvaziar a importância política do processo revolucionário. Certamente é preciso celebrar a revolução e seus grandes heróis. Claro que é importante realizar pesquisas acadêmicas que ajudem a elucidar o processo em sua dinâmica e complexidade. E, certamente, os debates travados nas décadas passadas podem nos ajudar a elucidar nossos próprios dilemas políticos atuais. Contudo, sempre é preciso ter em mente que uma revolução é, *“antes de tudo, a história da entrada violenta das massas no domínio de decisão de seu próprio destino”*⁸. Portanto, ainda que os fatos ocorridos há mais de cem anos possam inspirar muitas das ações e reflexões no presente, são os próprios trabalhadores de hoje que farão a revolução, tendo o partido revolucionário e a teoria marxista como orientação.

Deve-se olhar para a Revolução Russa não como um passado cheio de histórias sem interesse para o presente, mas como parte das lutas que travamos ainda hoje. O processo revolucionário russo ainda

permanece de alguma forma nas diferentes manifestações de esquerda ou na forma de organização dos trabalhadores. O proletariado em âmbito internacional ainda não derrotou o sistema econômico que apenas produz miséria. Por isso, ao olharmos para as lutas dos revolucionários russos de cem anos atrás, precisamos compreender quais são as tarefas que ainda hoje persistem para aqueles que queiram derrubar o capitalismo, transformar radicalmente a sociedade e construir o socialismo.

Viacheslav Peregudov/mediadrum



Combatentes bolcheviques em 1919



¹ Trotsky, “As Lições de Outubro”

^{2,3,4} Ibid.

⁵ Trotsky, “História da Revolução Russa”

^{6,7,8} Ibid.



RETA FINAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DA LIBERDADE E LUTA: PROLETÁRIOS DO MUNDO, UNI-VOS!

Nesta semana de reta final de preparação da Conferência Nacional da Liberdade e Luta 2021, com tema “Preparar a juventude para tempos revolucionários”, destacamos as saudações internacionais que temos recebido para essa edição do Tempo de Revolução.

O internacionalismo proletário é um dos princípios mais importantes do movimento operário internacional e do marxismo. Encontramos o internacionalismo proletário já no “Manifesto do Partido Comunista”, publicado em 21 de fevereiro de 1848 por Marx e Engels, como programa e propósitos da Liga dos Comunistas, conhecida como a primeira organização internacional marxista.

No Manifesto Comunista, e em diversas obras marxistas posteriores, encontramos o apelo dos operários à sua unidade de classe a nível internacional contra a opressão e exploração capitalista que, por sua vez, organiza e centraliza a produção econômica e o controle político por meio do mercado mundial e dos Estados nacionais.

A luta intransigente pelo fim da propriedade privada dos meios de produção e pôr abaixo as fronteiras nacionais constituem ainda hoje as principais tarefas do movimento operário e de sua juventude para abrir caminho ao reino da liberdade para a humanidade.

É por isso que mantemos como tradição o convite às seções da Corrente Marxista Internacional (CMI) para que participem de nossos eventos nacionais da juventude. Em edições anteriores, nos Acampamentos Revolucionários, as seções enviaram um camarada para acompanhar o evento presencialmente. Com a pandemia e a virtualização

das atividades, mantivemos nossa tradição com participações ao vivo ou saudações por vídeo. Em 2020, quando realizamos o Encontro Nacional da Juventude pelo Fora Bolsonaro, camaradas dos EUA, Paquistão, México e Inglaterra participaram simultaneamente realizando informes sobre a situação internacional e a luta de classes em seus países.

Na Conferência Nacional da Liberdade e Luta 2021 que ocorrerá no próximo sábado (23/10), vamos exibir saudações internacionais de oito países: Chile, Colômbia, Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Inglaterra e Paquistão.

Cada um desses países, como diversos outros, tem sido atravessado pela intensificação da luta de classes. O capitalismo em sua crise não quer renunciar às suas fortunas e enquanto ricos como Jeff Bezos realizam missões espaciais sem nenhum fim científico, milhões de pessoas passam fome em todo o mundo. Ao mesmo tempo, jovens e trabalhadores não assistem ao agravamento dos

serviços públicos e de suas condições de vida piorarem sem nada fazer e lutam.

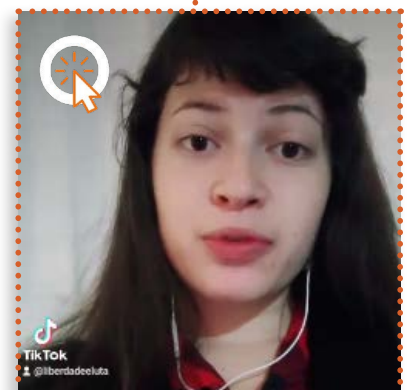
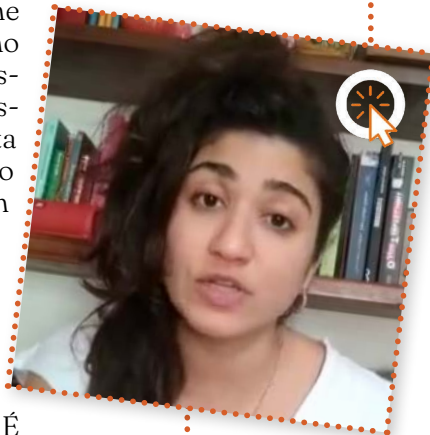
No Chile, uma onda de mobilizações revolucionárias abriu uma nova situação política, que culminou com uma grandiosa vitória contra a Constituição de Pinochet e o governo de Piñera Neto. Na Colômbia, em abril desse ano, uma greve geral de 49 dias contra a reforma tributária e do sistema de saúde sacudiu o governo de Ivan Duque. No Canadá, uma série de igrejas foram incendiadas após a descoberta de 1150 valas de crianças indígenas em seus terrenos. Além das igrejas, estátuas das rainhas Vitória e Elisabeth III foram derrubadas. São sinais de que as instituições mais reacionárias do Período Feudal que ainda resistem ao capitalismo, a Igreja e a Monarquia, estão sendo questionadas.

Esses são alguns dos exemplos da explosão de lutas que ocorrem ao redor do mundo. Os trabalhadores e jovens não

se sentem derrotados, nem no Brasil e nem em outros lugares. O Brasil das filas para pegar ossos é o retrato de uma situação insustentável. Por debaixo da aparente calma, uma fúria enorme cresce contra o governo Bolsonaro e contra o sistema capitalista. É impossível dizer qual será a gota d'água que vai fazer o copo transbordar por aqui e em outros países.

Por isso, é preciso que nós nos prepararemos para tempos revolucionários, tempos de enfrentamentos decisivos entre o capital e os trabalhadores. É preciso aprender com as lições da história e com as lições do movimento operário internacional. Como já dizia o Manifesto, “os operários não têm pátria! Proletários do mundo inteiro, uni-vos!”.

Confira os vídeos e convide dos membros da Liberdade e Luta, [inscreva-se](#) e participe conosco!





Com a presença de camaradas de mais de 50 cidades e 29 estados, o congresso deu uma ideia do alcance verdadeiramente nacional da organização

O marxismo em ascensão nos EUA: *Socialist Revolution* realiza seu maior congresso

Bruna dos Reis*

Em 9 e 10 de outubro, a seção norte-americana da Corrente Marxista Internacional (CMI) reuniu 170 delegados em Pittsburgh, Pensilvânia. A realização desse congresso é uma vitória a ser comemorada por revolucionários de todo o mundo, uma vez que a luta pela derrubada do capitalismo deve ser construída internacionalmente. Quando se trata de um processo de franco crescimento no interior do país mais importante do imperialismo, essa vitória é ainda mais significativa.

O congresso foi o primeiro encontro nacional presencial da CMI desde o início da pandemia, há quase dois anos, e o clima era de júbilo. Desde o início de 2020, a organização dobrou de tamanho e se expandiu para dezenas de novas cidades. Depois de longos meses realizando reuniões principalmente de forma virtual, os militantes estavam entusiasmados por se reunir pessoalmente e celebrar o imenso progresso que foi feito desde o último congresso.

Com a presença de camaradas de mais de 50 cidades e 29 estados, o evento deu uma ideia do alcance verdadeiramente nacional da organização, que come-

çou a se enraizar em todos os cantos do país. De especial importância foi a participação de várias delegações do Sul, região da organização que mais cresceu no último período. Pela primeira vez, estavam presentes camaradas da Geórgia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Washington DC, Texas e Oklahoma.

Mais da metade da população dos Estados Unidos agora vive em uma área metropolitana onde a organização está presente. O alcance da seção em um país

de vasta extensão continental foi profundamente sentido pelos participantes, que confraternizaram com camaradas de todas as regiões. A faixa de cores vivas pendurada na parede atrás de Laura Brown, camarada que abriu o congresso, ecoava o tema sempre presente nas sessões do fim de semana: “Marxismo em ascensão!”. Depois de destacar o crescimento da organização desde o último Congresso, Laura reservou um momento para homenagear o legado daqueles companheiros que já não estão entre nós, pedindo um minuto de silêncio.

A pandemia de Covid-19 e seu manejo criminoso pelos capitalistas e seus Estados tiraram a vida de dois importantes camaradas da Inter-

nacional: Hans-Gerd Öfnger, fundador e secretário-geral da seção alemã da CMI, e Roque Ferreira, membro do Comitê Central da Esquerda Marxista, no Brasil. O Congresso também reconheceu a perda do camarada Alfredo Peña, que foi membro fundador da organização em Nova York e um militante de longa data. Laura destacou que, se os camaradas estivessem no evento, eles teriam orgulho ao ver o progresso alcançado pelas crescentes forças do marxismo revolucionário no próprio ventre da besta do capitalismo mundial.

Normalmente, um camarada do Secretariado Internacional estaria presente para conduzir a sessão da manhã sobre Perspectivas Mundiais, mas as restrições a viagens internacionais ainda continuam. No entanto, calorosas saudações e interven-

ções em vídeo foram transmitidas de várias seções da CMI ao redor do mundo – um poderoso lembrete de que não somos, de forma alguma, uma Internacional apenas no nome! Graças ao trabalho profissional da equipe de audiovisual, equipados com projetor e sistema de som, foi quase como se os demais camaradas da Internacional estivessem ali no salão.

Oleg Bulaev, Adam Pal, Caio Dezorzi, Jorge Martín, Rob Sewell falaram sobre a situação e a intervenção da CMI na Rússia, Afeganistão, Brasil, Cuba e Grã-Bretanha, respectivamente. Ao final, Fred Weston fez uma saudação em nome do Secretariado Internacional e apresentou uma breve atualização sobre os muitos pontos críticos da luta de classes em todo o mundo. Ele mencionou as mudanças que estão ocorrendo na consciência da classe trabalhadora em um país após o outro. O quadro geral da situação global é tão sombrio para a classe dominante quanto promissor para os marxistas revo-





lucionários – nunca houve melhor época para nossas ideias se enraizarem em todo o mundo!

Em seguida, John Peterson iniciou a discussão sobre as Perspectivas dos EUA. Retomando o cenário político das últimas décadas, John explicou as condições que deram origem ao trumpismo, por um lado, e a um movimento socialista renascido, por outro. O impasse histórico do sistema capitalista é a força motriz por trás do surgimento de ideias revolucionárias entre a geração jovem. As crises e contradições de nosso tempo decorrem do fato de que esse sistema já deveria ter sido derrubado há mais de um século. A produção para o mercado com fins de lucro e as restrições do Estado-nação há muito esgotaram sua capacidade de levar a humanidade como um todo para frente.

“Era uma felicidade estar vivo naquela madrugada.

Mas ser jovem era o paraíso!”

(William Wordsworth)

Enquanto isso, bilionários como Jeff Bezos acumularam uma riqueza tão obscena que estão embarcando em viagens espaciais recreativas. No bojo dessas disparidades alucinantes de riqueza, padrões de vida em declínio, a pandemia e os eventos do movimento George Floyd, não é difícil ver por que o processo de luta de classes está se intensificando. John falou sobre a crescente onda de greves em empresas como Kellogg, Nabisco e entre os trabalhadores da construção no noroeste do Pacífico. A militância daqueles organizados na União Sindical IATSE, cujos 60 mil membros autorizaram uma greve por um voto virtual unânime, mostra que o cenário está sendo armado para um aumento da luta de classes

aberta em uma outra escala.

O movimento contra o racismo e o terror policial foi o evento mais importante de 2020 e marca uma virada na história dos Estados Unidos. Foi uma demonstração de solidariedade inspiradora e sem precedentes, e um sinal do tipo de lutas de massas que estão por vir. Os comentários de John foram acompanhados por uma discussão animada dos delegados, coroada por um documento de perspectivas da mais alta qualidade, que foi aprovado por unanimidade pelo Congresso.

Depois de um primeiro dia de sucesso, pleno de muita discussão, aprendizado, debate e aplausos, era hora de uma noite de comida, bebida, camaradagem e canto revolucionário. Os camaradas se reuniram do lado de fora para interpretar com inspiração “Solidarity Forever”, “Bella Ciao”, “Das Einheitsfrontlied” e muitas outras canções do movimento socialista mundial.

O segundo dia foi dedicado ao tópico do bolchevismo e às tarefas concretas que os marxistas enfrentam nos Estados Unidos na atual conjuntura. A seção americana da CMI começou em 1998 com a iniciativa de um único quadro que vivia em Fargo, Dakota do Norte, armado apenas com as ideias e os métodos da Internacional e a confiança de que grandes eventos históricos confirmariam nossas perspectivas. Desde então, a CMI tem se espalhado constantemente de costa à costa, lançando as bases para o tipo de organização que pode reunir em torno de sua bandeira a mais

séria juventude revolucionária em movimento à esquerda desta geração.

Se as décadas anteriores representaram grandes desafios para a difusão das ideias marxistas, hoje vemos que a maré mudou decisivamente entre a camada da classe trabalhadora que cresceu na era pós-2008. A última década revelou uma trajetória clara para a esquerda: do vago conteúdo de classe do movimento Occupy “We are the 99%”; ao surgimento do reformismo liberal do “socialismo democrático” moderno; ao crescente interesse nas ideias inequivocamente revolucionárias. Hoje, o marxismo é visto com bons olhos por 27% da geração millennial e 30% da geração Z. Traduzidas em números concretos, essas

estatísticas sugerem que cerca de 39 milhões de jovens estão abertos às ideias defendidas pela CMI!

No entanto, essas dezenas de milhões de jovens permanecem em grande parte isoladas e atomizadas. A tarefa de *Socialist Revolution* é transformar essa radicalização de uma tendência amorfa em uma força política organizada e disciplinada que possa desempenhar o papel de uma enorme correia de transmissão para transportar as ideias revolucionárias para as lutas da classe trabalhadora. A [Resolução Organizacional de 2021](#), que também foi debatida e aprovada por unanimidade pelos delegados, destacou o legado e a relevância moderna do bolchevismo como um método para treinar os quadros que atuarão como espinha dor-

sal e estrutura esquelética de uma organização muito maior no futuro.

À tarde, aprofundou-se o debate sobre as plataformas específicas de trabalho, com relatos das atividades no movimento sindical, em piquetes, com outras organizações do movimento e entre os jovens. John fechou o congresso lembrando as palavras do poeta William Wordsworth, que se inspirou na experiência da Grande Revolução Francesa: “*Era uma felicidade estar vivo naquela madrugada. Mas ser jovem era o paraíso!*”. Essas palavras captam o senso de otimismo revolucionário que impulsiona nossa luta pelo socialismo em nossa vida.

Os comentários finais do camarada John foram recebidos com aplausos de pé e com uma erupção espontânea da Internacional – o hino da classe trabalhadora mundial. Depois de um evento tão inspirador e energizante, foi difícil para muitos se despedirem e se separarem. Mas os camaradas voltaram para suas cidades com um compromisso redobrado e um senso de urgência para as tarefas políticas diante de nós, bem como uma grande empolgação para ver o quão maior será nosso próximo encontro nacional.

*Artigo produzido com base no [relato publicado pela seção norte-americana da CMI, *Socialist Revolution*](#).



Hoje, o marxismo é visto com bons olhos por cerca de 39 milhões de jovens nos Estados Unidos. A tarefa de *Socialist Revolution* é transformar essa radicalização em uma força política organizada



Ao final do primeiro dia de um rico debate, os delegados se reuniram para entoar as canções do movimento proletário internacional

